TEMPERATURA RETAL DE OVINOS, ANTES E DEPOIS DA ATIVIDADE DE PASTEJO NA PRIMAVERA, NA REGIÃO DE CAXIAS DO SUL/RS.

Helena Prado de ÁVILA[1]; Eduarda BAGGIO[1]; Brenda Kraemer KAPPES[1]; Leticia Felipe de Oliveira COSTA[1]; Paulo Ricardo de Fagundes FINATTO[1]; Yurimar Angelina Ramos BELLO[1]; Marcele Sousa VILANOVA[2].

Palavras-chave: Termorregulação; Indicador fisiológico; Ovinos lanados.

A variação na temperatura corporal em ovinos constitui um importante indicador fisiológico de adaptação ao ambiente, especialmente sob condições de estresse térmico. Os valores fisiológicos considerados normais, devem estar entre 38,5 °C e 39,9 °C, sendo que em condições de conforto térmico, os valores tendem a permanecer próximos ao limite inferior, enquanto em situações de calor intenso ocorre elevação significativa. Objetivou-se avaliar a variação da temperatura retal em ovinos sem raça definida, com tendência Corriedale e Texel, antes e depois da realização da atividade de pastejo, na região de Caxias do Sul/RS. Foi selecionado um grupo de 22 ovinos, esquilados no início de outubro de 2025, os quais foram conduzidos ao galpão no horário do meio-dia e permaneceram protegidos do sol até o início das avaliações. Às 14:00h foi realizada a primeira verificação da temperatura retal (TR), com a utilização de termômetro digital, e logo em seguida os animais foram soltos no piquete com pastagem nativa melhorada, onde permaneceram por 60 minutos em atividade de pastejo. Às 15:00h os animais retornaram ao galpão, momento em que foi realizada a segunda aferição da TR. As avaliações foram realizadas nos dias 31 de outubro (23°C a 25°C), 14 de novembro (24°C a 26°C) e 24 de novembro (25°C a 27°C) de 2025, todos os dias ensolarados. O delineamento experimental foi completamente casualizado, com 22 repetições por dia de avaliação (Dias 1, 2 e 3). Os resultados foram submetidos a análise da variância e as médias comparadas pelo teste t de Student (5%), utilizando o programa AgroEstat®. O dia de avaliação influenciou significativamente ($p<0,05$) na variação da TR dos animais, sendo as maiores temperaturas antes e depois do pastejo obtidas no dia 3. A temperatura antes ficou na média de $39,46^{a}$ (dia 1 de $39,096^{b}$ e dia 2 de $39,086^{b}$) e a temperatura depois ficou na média de $40,28^{a}$ (dia 2 de $40,17^{ab}$ e dia 1 de $40,02^{b}$). Independente do dia de avaliação, todas temperaturas corporais aumentaram após o pastejo: no dia 2, aumentou $1,082^{a}$, no dia 1 aumentou $0,923^{ab}$ e no dia 3 aumentou $0,818^{b}$. Essa variação foi influenciada pela exposição à radiação solar, somada a capacidade de dissipação de calor dos animais, uma vez que, sendo animais lanados, durante a primavera, ainda não consolidaram os mecanismos fisiológicos para a realização eficaz da termorregulação, em dias mais quentes. A TR depois do pastejo, ficou acima do normal fisiológico de 39,9ºC em todas as avaliações, indicando que, mesmo durante a primavera, a incidência de radiação solar pode causar estresse térmico, o que nos deixa o alerta para a necessidade de proporcionar condições no ambiente que permitam que os animais se protejam e consigam manter a termorregulação adequada.

[1]Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Caxias do Sul. Email para correspondência: helenapradodeavila@gmail.com

[2]Docente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Caxias do Sul.